

*Fernando Coburgo fecit*

A ATIVIDADE ARTÍSTICA DO REI-CONSORTE



*Fernando Coburgo fecit*

---

A ATIVIDADE ARTÍSTICA DO REI-CONSORTE

O local da exposição:

Os antigos aposentos  
de D. Manuel II

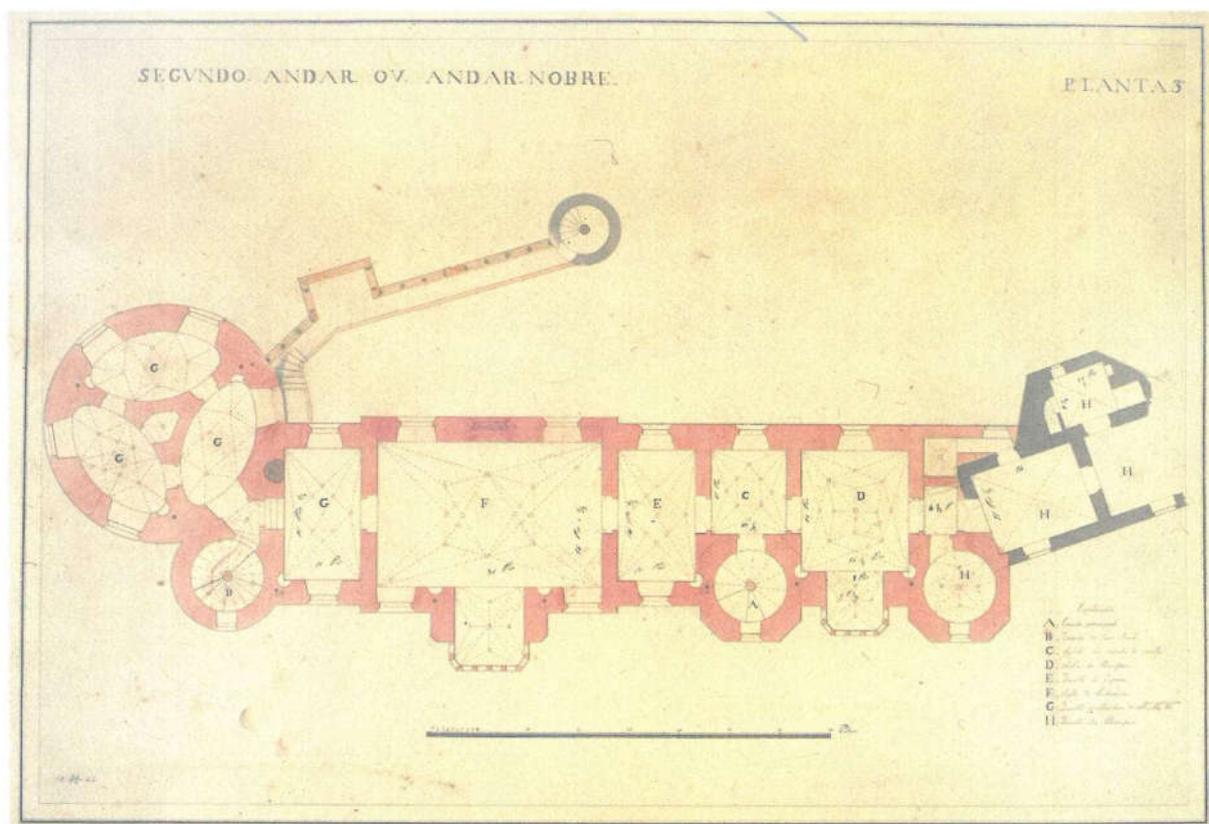


Fig. 1 - Planta do Palácio Novo,  
s/data,  
PNP416  
(© PSML/ Henrique Ruas)

A exposição comemorativa dos 200 anos do nascimento de D. Fernando II (1816-1885) acontecerá numa altura em que decorre o grande investimento realizado pela Parques de Sintra – Monte da Lua, SA, na requalificação do Palácio Nacional da Pena. Esta requalificação, que se iniciou em 2007 com a tutela da PSML e sob a presidência do Prof. António Lamas, e que conheceu novo impulso a partir de 2010, inclui a investigação histórica sobre a edificação do Palácio, sobre os seus interiores e recheio, assim como sobre o atual acervo. Incluiu igualmente a reorganização do inventário deste acervo, a criação de reservas e o restauro tanto do edificado, como dos interiores e do património integrado, como de uma parte substancial do acervo, trabalho que ainda decorrerá por mais alguns anos.

A comemoração do bicentenário do nascimento de D. Fernando II, efeméride tão significativa para o palácio, esteve na origem da exposição sobre o monarca, para a qual se necessitava de um espaço adequado. Todavia, apesar das aparências sugerirem o contrário, o Palácio da Pena caracteriza-se por espaços muito exíguos e em número reduzido, não havendo propriamente uma área adequada no circuito de visita que se pudesse disponibilizar para exposições temporárias. Existia contudo um espaço no edifício, fechado há alguns anos e que aguardava uma profunda intervenção de restauro, devido ao seu muito precário estado de conservação: os antigos aposentos de D. Manuel II no piso nobre do Torreão. Foi assim decidido recuperar estes compartimentos, para servirem primeiramente de local para a exposição temporária dedicada a D. Fernando II, antes de voltarem a ser abertos ao público enquanto local de habitação do último rei de Portugal.

Interessa aqui olhar de perto estes aposentos e o torreão onde se inserem. O Torreão do Palácio da Pena faz parte do chamado Palácio Novo, ou seja, da ampliação que D. Fernando II mandou fazer a partir de 1840 do antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, que o

rei tinha adquirido em 1838 para transformar em sua residência privada e a que se veio a chamar de Palácio Velho. Apesar de não se conhecerem testemunhos escritos da razão desta ampliação, a hipótese mais plausível encontra-se ligada ao estatuto da primeira mulher do dono da obra, que era nem mais nem menos a rainha de Portugal. Foi possivelmente a necessidade de acomodar condignamente D. Maria II que deverá ter sido determinante para a edificação de uma ala inteiramente nova. A confirmar esta hipótese está o facto de os “aposentos de suas majestades” terem sido previstos para o piso nobre da Torre Real (designação no projeto), ou seja, no Palácio Novo, no seguimento dos espaços que hoje constituem o Salão Nobre. Tratava-se de três grandes quartos de forma oval (fig. 1). Por cima dos aposentos reais e a culminar a função desta Torre Real como uma (imaginária) torre de menagem medieval, erguia-se uma Sala de Cavaleiros de pé-direito duplo (fig. 2). Quanto ao espaço do atual Salão Nobre, este estava inicialmente dividido em três compartimentos, sendo o central uma Sala de Embaixadores, a que se acedia do exterior através da Escada das Cabaças e duas antecâmaras. Deste modo, D. Maria II teria aposentos condignos da sua condição de rainha, inclusivamente com uma sala de receção e audiências (a dos Embaixadores) para visitas importantes.

A verosimilhança desta hipótese é igualmente reforçada pelo facto de o Palácio Novo nunca ter sido concretizado segundo este projeto inicial depois da morte prematura da rainha. Durante o período de construção do Palácio Novo, a rainha D. Maria II faleceu subitamente durante o seu 11º parto (Bonifácio 2005, 250). A verdade é que apesar dos avisos dos médicos, que receavam pelo estado de saúde da rainha já muito afetada por partos anteriores e por um considerável aumento de peso (Teixeira 1986, 178; Bonifácio 2005, 249), o casal real parece nunca ter levado verdadeiramente a sério a possibilidade de um desenlace trágico de mais uma gravidez, como veio a acontecer naquele mês de Novembro de 1853.



Fig. 2 - Corte da Torre Real do Palácio Novo,  
s/data,  
PNP417  
(© PSML)

A morte da rainha foi um acontecimento trágico para a nação e para a família real. Afetou igualmente a obra do Palácio da Pena. Este, ainda antes de concluído e habitável, perdia a sua mais nobre locatária. Por esta altura já se encontrava concluído o corpo arquitetónico do Tritão e da Sala de Fumo, adjacente ao Palácio Velho, mas apenas construídos os pisos inferiores do corpo que albergaria a Sala dos Embaixadores e somente as fundações da Torre Real (Schedel 2011, 113, 150 e 155). Embora não se saiba ao certo, parece ter sido por esta altura que o projeto inicial do palácio sofreu as modificações que lhe deram a forma que hoje tem. É possível que se considerasse que os espaçosos aposentos de “suas Majestades” em articulação com uma “Sala dos Embaixadores” e uma antecâmara tivessem perdido o sentido. D. Fernando parece ter-se desinteressado do Palácio Novo, pelo menos enquanto local para os seus aposentos. A partir de 1854 nota-se um crescente investimento no piso nobre do Palácio Velho.<sup>1</sup> Será aqui que o rei terá os seus aposentos privados e os irá partilhar a partir de cerca de 1861 com a sua companheira Elise Hensler, mesmo antes do casamento em 1869 que a tornará condessa d’Edla. O quarto de dormir comum do casal – situação pouco frequente nas camadas mais altas da sociedade, mas não inédita sobretudo nas residências acasteladas românticas – localizar-se-á na ala norte do antigo mosteiro, com vista para o Castelo dos Mouros, também ele adquirido e reconstruído por D. Fernando II. De um lado e do outro do quarto ficavam os respetivos quartos de vestir do rei e da condessa.<sup>2</sup>

Com a continuação da obra do Palácio da Pena, no Palácio Novo já não se construiu a Sala dos Embaixadores e as duas salas adjacentes como espaços separados: estes foram fundidos num grande compartimento que veio a ser a Sala do Bilhar (atual salão Nobre, fig. 3), embora o corpo arquitetónico mantivesse a volumetria tripartida no exterior e no interior. A Sala dos Cavaleiros nunca se concretizou, sendo substituída por uma sala de caça, a Sala dos Veados, na base do Torreão, que por sua vez perdia a designação de Torre Real. O piso do Torreão ao nível da Sala do Bilhar e o piso acima deste foram divididos

em respetivamente quatro compartimentos com um corredor, sendo destinados a quartos de hóspedes (figs. 4),<sup>3</sup> enquanto sob a cúpula se instalavam seis quartos de criados em forma de segmento de círculo. Só depois do Regicídio é que o Torreão do Palácio da Pena albergará os aposentos de um monarca português – e isto apenas por pouco mais de dois anos e meio.

Após a morte de D. Fernando II em 1885 e o fecho das negociações do Estado com a condessa d’Edla em 1890, em que esta cede à coroa o Palácio da Pena (Ramalho 2013, 104), foi o neto do rei, D. Carlos, e a sua mulher, D. Amélia, que habitaram o agora Palácio Real da Pena. No Palácio Velho separaram-se os aposentos do rei e da rainha. D. Carlos deixou a D. Amélia o antigo quarto de D. Fernando e da condessa d’Edla, assim como as salas adjacentes para os demais aposentos da rainha, para a sua dama de companhia e para o seu veador. Por seu lado, o rei ocupou compartimentos no piso inferior do claustro. Adaptou a antiga Sala do Café (que tinha sido a sala do capítulo monástica) a Gabinete e antigos quartos de criados (que tinham resultado da divisão de um grande arrumo junto à sala do capítulo aquando a adaptação do Mosteiro a residência, logo na década de 1840) para o seu quarto de dormir, para casa de banho e ainda para um quarto do seu particular. No Palácio Novo ficarão alojados no Torreão o infante D. Manuel e a sua aia no piso correspondente ao Salão Nobre e o príncipe real D. Luís Filipe com o seu perceptor no piso superior, conforme se constata na planta de levantamento do palácio de 1901, de J. A. A. Vital.<sup>4</sup> Posteriormente alterou-se esta organização, pois pouco antes do Regicídio onde o príncipe real D. Luís Filipe também perdeu a vida, ele e o irmão tinham os quartos de dormir no piso superior e os gabinetes de estudo no inferior.<sup>5</sup> Mas, em 1908, D. Manuel II, agora rei, manteve o seu escritório na primeira sala, voltou a instalar o quarto de dormir na grande sala oval (a única que manteve a forma do projeto original), destinou o terceiro compartimento

<sup>1</sup> Assim indicam os pagamentos de obras e de aquisições de mobiliário e acessórios, cujas faturas se guardam no Arquivo Histórico da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, Núcleo D. Fernando II, Série Documental, Documentos Avulsos.

<sup>2</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal da Boa Hora, Processo de inventário de D. Fernando II, Caixa nº 2, Terceiro Volume do Inventário, Móveis existentes no Palácio da Pena em Cintra, 2460v.- 2468f e 2586f.-2598f.

<sup>3</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal da Boa Hora, Processo de inventário de D. Fernando II, Caixa nº 2, Terceiro Volume do Inventário, Móveis existentes no Palácio da Pena em Cintra, 2505f.-2526v. e 2621v.-2625v.

<sup>4</sup> De acordo com uma cópia destas plantas, que se encontra no Palácio Nacional da Pena, e cujo original era proveniente do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, números 279ª 283, segundo carta do seu diretor ao conservador do Palácio Nacional da Pena de 17 de Maio de 1945, PNP, Fundo Documental, Núcleo MO (Movimentação de Objetos).

<sup>5</sup> Inventário de 1907, PNP 678, PNP.RD.INV.Maço 01, 191-197.



Fig. 3 - Antiga Sala do Bilhar, atual Salão Nobre  
(© PSML/EMIGUS)

ao seu perceptor Kersch e utilizou o quarto compartimento (sem janelas) como guarda-roupa.<sup>6</sup> Neste período entre o regicídio e a implantação da República, D. Manuel veio apenas esporadicamente à Pena.

É D. Amélia que mais frequentemente aqui permaneceu, até abandonar o Palácio a 5 de Outubro de 1910, para partir com a sogra, a rainha D. Maria Pia, e o filho para o exílio (Durães 2012, 210-215; Ribeiro 2013, 183-192).

Era este o estado do agora Palácio Nacional da Pena, quando foi aberto ao público como museu logo em 1911. Os aposentos do Torreão viriam a ter um período atribulado durante a República, até por se localizarem num dos locais de todo o Palácio da Pena mais expostos ao clima extremo da Serra de Sintra. Mas é devido a uma razão utilitária que se demoliram os tabiques do piso superior: em 1932, ainda no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, transformam-se os antigos aposentos de D. Luís Filipe num grande espaço aberto apenas pontuado pelo grande pilar central, para servir de estação telegráfica.<sup>7</sup> Nesta ocasião foram também demolidos os tabiques que separavam os seis quartos para criados sob a cúpula do Torreão.<sup>8</sup> Utilizada mais recentemente como depósito de objetos degradados, foi entretanto esvaziada e adaptada a auditório pela Direção Técnica / Património Construído da PSML, já neste ano de 2016.

Também os aposentos de D. Manuel II tiveram uma existência atribulada, permanecendo encerrados por longos períodos de tempo, devido ao mau estado de conservação e à necessidade de obras. O conservador do palácio, Casimiro Gomes da Silva, tinha retirado todo o recheio destes compartimentos cerca de 1939 para a substituição dos alizares das janelas.<sup>9</sup> Cinco anos depois,

a obra tardava e as salas continuavam fechadas. Ainda em 1940 tinham sido colocadas as tijoleiras de cor natural e alternadas com outras de cor verde, por ordem de Raul Lino, então Superintendente dos Palácios Nacionais.<sup>10</sup> Em 1948 os aposentos de D. Manuel encontravam-se “desde há muito encerrados”, segundo o testemunho do novo conservador do Palácio da Pena, Joaquim do Couto Tavares.<sup>11</sup> Em data ainda desconhecida este conservador musealizou estes compartimentos, que passaram a ter uma visita condicionada à disponibilidade dos funcionários do palácio. Somente em 1985 os aposentos do último rei de Portugal foram completamente integrados no circuito de visita, no âmbito da exposição comemorativa do primeiro centenário da morte de D. Fernando II (Carneiro 1985, 125-141).

Em 2010 estes compartimentos novamente foram encerrados, não só devido à contínua degradação originada pelo clima, mas também para servirem de apoio ao grande restauro do Salão Nobre, cuja intervenção decorreu de 2011 a 2013. Finalmente em 2016 efetuou-se nova intervenção nos espaços, três anos depois da recuperação de coberturas e rebocos exteriores do Torreão (aliás, como de todo o Palácio). Foram recuperados sob coordenação da Direção Técnica / Património Construído da PSML os estuques dos tetos, assim como as paredes, janelas e pavimentos (fig. 5). Desentaparam-se dois nichos que serviam de armários de parede, ficando um encerrado e destinando-se o outro para vitrina (um terceiro nicho já era utilizado como vitrina). Foi dada particular atenção aos vestígios de cor, que ainda se puderam encontrar nas paredes, apesar de picagens “até ao osso” anteriores, assim como portas e ombreiras. No antigo quarto de D. Manuel II encontraram-se nos tímpanos das ogivas que sustentam visualmente o teto vestígios de uma cor creme muito clara (o que está em consonância com um postal deste quarto do rei ao tempo da monarquia, entretanto identificado, que embora esteja a preto e branco, mostra paredes muito claras, quase brancas, fig. 6). Já no antigo escritório do rei encontraram-se faixas decorativas em

<sup>6</sup> Inventário Novembro 1910, PNP.RD.INV.Maço 02, 75-78.

<sup>7</sup> O que justifica a designação de “Telegrafia” deste espaço, que se manteve até aos dias de hoje.

<sup>8</sup> Memória, Orçamento e Medições referentes a demolições de tabiques e um pavimento no Torreão do Palácio da Pena. [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=c6da143e-5222-4026-9bb4-55657e4e4ed6](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=c6da143e-5222-4026-9bb4-55657e4e4ed6), 28.06.2016.

<sup>9</sup> Ofício do conservador do Palácio Nacional da Pena, Casimiro Gomes da Silva, ao Chefe de Repartição do Património da Direção geral da Fazenda Pública, de 1 de Janeiro de 1944, PNP, Fundo Documental, Núcleo MO (Movimentação de Objetos). Casimiro Gomes da Silva foi Primeiro Conservador do Palácio Nacional da Pena de 1938 a 1945; neste ou no ano seguinte assumiu cargo semelhante no Palácio Nacional de Sintra.

<sup>10</sup> Ofício do conservador do Palácio Nacional da Pena (Joaquim Couto Tavares), ao Chefe de Repartição do Património da Direção geral da Fazenda Pública, de 27 de Setembro de 1948, PNP, Fundo Documental, Núcleo MO (Movimentação de Objetos). Joaquim do Couto Tavares foi Primeiro Conservador do Palácio Nacional da Pena de 1946 até ao início da década de 1970, altura do seu falecimento.

<sup>11</sup> Ofício do conservador do Palácio Nacional da Pena ao Chefe de Repartição do Património da Direção geral da Fazenda Pública, de 27 de Setembro de 1948, PNP, Fundo Documental, Núcleo MO (Movimentação de Objetos).

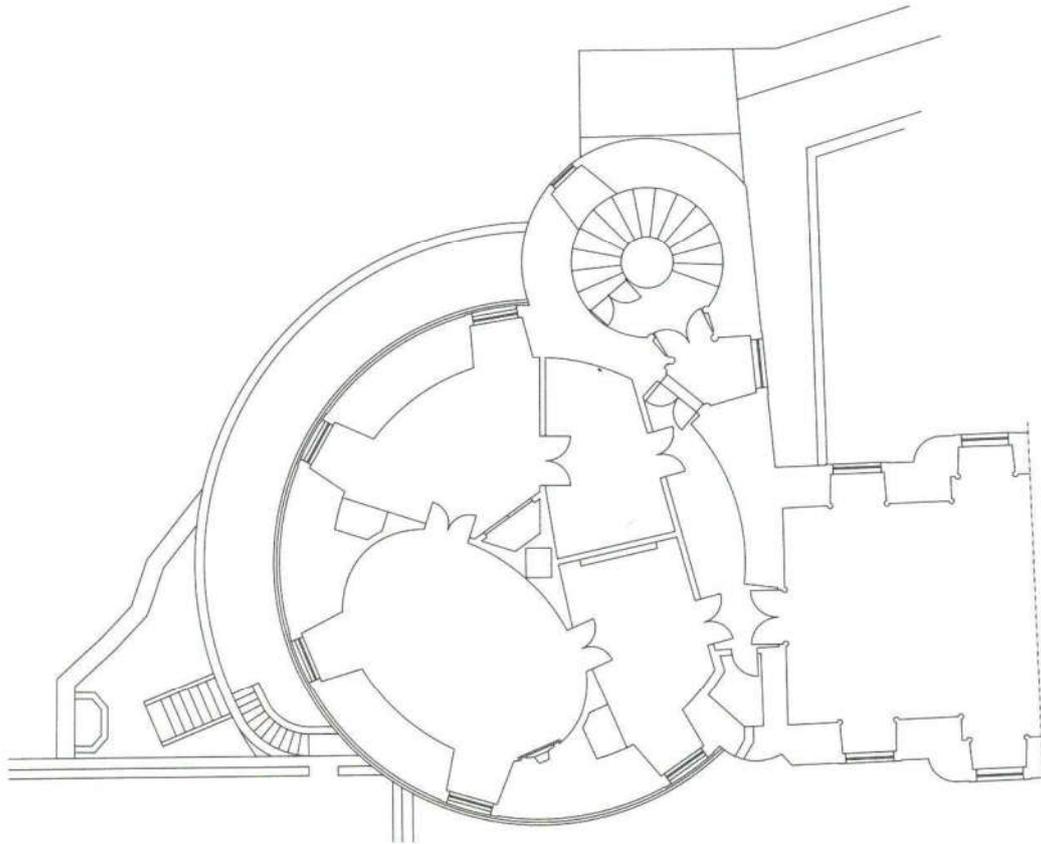


Fig. 4 - Planta do piso nobre do Torreão  
(© PSML/P-06)



Fig.5 - Aspeto dos antigos aposentos de D. Manuel II  
após o restauro de 2016  
(© PSML/EMIGUS)

castanho junto ao rodapé sobre um fundo bege. Também nos rodapés e nas bases das ombreiras das portas e vãos de janelas se encontraram vestígios de um cinzento ardósia. Portas e ombreiras apresentavam vestígios de uma cor branco esverdeada, mais conhecida pelo nome em inglês de "cabbage white". Serão estas cores que se utilizarão na musealização permanente das salas.

O grande investimento de conservação e restauro permitirá receber condignamente esta exposição comemorativa do bicentenário do nascimento de D. Fernando II, o edificador do Palácio da Pena. Mas esta exposição que agora organizamos, apesar de focar um aspeto da personalidade do rei pouco explorado, nomeadamente a obra artística do rei, já teve um precedente, em 1947. O Palácio da Pena foi pioneiro em organizar neste ano uma exposição apenas dedicada a criações do rei-artista, neste caso com águas-fortes. A exposição abriu a 2 de Outubro de 1947 no Palácio da Pena e passou já no ano seguinte para o Museu Soares dos Reis, no Porto. A exposição comemorativa do primeiro centenário da morte de D. Fernando II, organizada em 1985 pelo então diretor do Palácio, José Martins Carneiro, incluiu igualmente algumas peças criadas pelo rei. Mas estas foram inseridas numa vasta mostra de objetos que foram da posse de D. Fernando e da condessa d'Edla, na sua grande maioria emprestados por descendentes desta última, que incluíram mobiliário, pintura, cerâmica, ourivesaria, objetos pessoais, etc. Agora que se aproximam os 200 anos do nascimento do rei, a exposição comemorativa regressa ao tema da obra artística da sua autoria e será apresentada nestas quatro

salas do piso nobre do Torreão do Palácio da Pena. Na primeira sala dar-se-á enfoque ao processo de execução das gravuras, em particular na colaboração do rei com os seus estampadores. Na segunda sala poder-se-ão contemplar diferentes temas que D. Fernando escolhia para as suas criações. A terceira sala será dedicada à obra do rei com referências à sua segunda mulher, a condessa d'Edla, enquanto na quarta e última sala encontraremos peças de pintura sobre cerâmica da autoria do monarca. Esta estruturação da exposição foi definida pelo conservador do Palácio Nacional da Pena, Hugo Xavier, após ter efetuado uma criteriosa seleção do imenso acervo, mais de mil espécimes, adquirido pela PSML em 2012. Com base nesta seleção e sua distribuição pelos espaços disponíveis no torreão, o atelier P-06 concebeu o ambiente expositivo, tendo ficado também incumbido de configurar o catálogo.

Terminada esta exposição, ir-se-á musealizar estes compartimentos, reintegrando-os na lógica discursiva do palácio. Mas enquanto os antigos escritório e quarto de dormir de D. Manuel II serão apresentados com mobiliário em parte original e em parte evocativo das funções destas salas, o antigo quarto da aia (e posteriormente do perceptor Kerausch), assim como o antigo guarda-roupa serão destinados a espaços expositivos do acervo do Palácio, relacionados com os seus habitantes. Deste modo, o interregno causado pela exposição terá um desenlace muito positivo no contexto deste grande investimento de investigação, restauro e re-musealização que a PSML tem vindo a fazer no Palácio Nacional da Pena.



Fig. 6: Postal ilustrado mostrando o quarto de dormir de D. Manuel II, c.1908-1910.  
PNP3255/2 (© PSML)

# Fernando Coburgo fecit

## A ATIVIDADE ARTÍSTICA DO REI-CONSORTE

### EXPOSIÇÃO

Palácio Nacional da Pena

29 de outubro de 2016 a 30 de abril de 2017

#### Coordenação geral

António Nunes Pereira (PSML)

#### Curadoria

Hugo Xavier (PSML)

#### Apoio à produção

Pedro Rodrigues (FCSH-UNL)

#### Apoio técnico

Joana Madureira (PSML)

Joaquim Diogo (PSML)

Sara Gonçalves (PSML)

Nuno Gaspar (PSML)

#### Comunicação

Maria do Céu Alcaparra (PSML)

Susana Quaresma (PSML)

Ana Oliveira Martins (PSML)

Ana Esteves (PSML)

#### Conservação e restauro

Ana Cristina Machado

Mariana Cardoso

#### Apoio à conservação e restauro

Laboratório José de Figueiredo

#### Projeto expositivo

P-06 Atelier

Pedro Anjos

Nádia Ferrer (colaboração)

#### Construção

J. C. Sampaio, Lda.

#### Transportes

Interartis – Serviço para Museus e Transportes de Arte, Lda.

RN Trans – Atividades Transitárias, S.A.

#### Seguros

Lusitânia

#### Agradecimentos

Arquivo de Documentação Fotográfica

Fundação da Casa de Bragança

Laboratório José de Figueiredo

Museu Bordalo Pinheiro

Museu de Cerâmica de Sacavém

Museu Nacional de Arte Antiga

Palácio Nacional da Ajuda

Palácio Nacional de Queluz

Alberto Azevedo Gomes

Ana Luísa Baeta Neves

Aura Barreto

José Caetano de Campos Andrada da Costa Pereira

Luís Mergulhão

Margarida de Magalhães Ramalho

Nina Oom

Pedro de Azevedo

Rui Varela Gusmão

ORGANIZAÇÃO



COLABORAÇÃO



FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA



## CATÁLOGO

### Coordenação geral

António Nunes Pereira (PSML)

### Coordenação científica e editorial

Hugo Xavier (PSML)

### Textos

Ana Cristina Machado

António Nunes Pereira (PSML)

Francisca Figueira (LJF)

Hugo Xavier (PSML)

Joana Campelo (LJF)

Marta Oliveira Sonius

Pedro Rodrigues (FCSH-UNL)

Raquel Henriques da Silva (FCSH-UNL)

### Design gráfico

P-06 Atelier

Estela Estanislau

Mário Videira (colaboração)

José Domingues (UNDO) (colaboração)

### Fotografia

Ana Cristina Machado

EMIGUS

J. Real Andrade

João Krull

José Pessoa

Luís Piorro

Luísa Oliveira

Manuel Silveira Ramos

Marta Oliveira Sonius

### Cedência de Imagens

Arquivo de Documentação Fotográfica

Fundação da Casa de Bragança

Hamburger Kunsthalle/bpk

Landesbibliothek Coburg

Museu Bordalo Pinheiro

Museum of London

Múzeum vo Svätom Antonn

### Edição

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.

1ª edição, outubro de 2016

### Tiragem

1.000 exemplares

### Distribuição

Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.

Parque de Monserrate,

2710-4015 Sintra - Portugal

[www.parquesdesintra.pt](http://www.parquesdesintra.pt)

### ISBN

978-989-98669-6-6

### Depósito Legal

416737/16

### Impressão

Gráfica Maiadouro, S.A.



Parques de Sintra  
Monte da Lua

© Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia  
autorização escrita de Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A